



Ler

ESCREVER

Coletânea de Atividades  
5º ano

Volume Único

## Notícia 1

São Paulo, domingo, 22 de maio de 2011

### A vida sem sacolas plásticas

ANDREA VIALLI O ESTADO DE S.PAULO

22 maio 2011 | 00h 00

Proibição da distribuição e da venda de sacolinhas no comércio da cidade de São Paulo impõe mudança de hábitos; entre as alternativas estão sacolas retornáveis e caixas de papelão

A lei que proíbe a distribuição e a venda de sacolas plásticas no comércio de São Paulo, aprovada pela Câmara Municipal na semana passada e logo sancionada pelo prefeito Gilberto Kassab (PSB), põs os consumidores em uma encruzilhada. Se por um lado a retirada de circulação das sacolas traz benefícios, como a redução dos entupimentos em bueiros e do plástico descartado no ambiente, por outro impõe ao paulistano dilemas cotidianos. Como transportar as compras? E se não houver uma sacola retornável à mão? E o lixo doméstico, como descartar?

Para Eduardo Jorge, secretário do Verde e Meio Ambiente de São Paulo, é questão de hábito. "O que está sendo questionado com a lei é o uso excessivo das sacolas descartáveis. As cidades que já adotaram leis semelhantes, como Jundiaí e Belo Horizonte, mostram que o comércio soube se adaptar e a população aceitou a medida" diz Jorge.

Grandes redes do varejo se preparam para atender ao consumidor. No Grupo Pão de Açúcar, que engloba as redes Extra e CompreBem, os consumidores poderão adquirir sacolas retornáveis os preços variam de R\$ 2,99 a R\$ 9,90 ou solicitar aos funcionários caixas de papelão para transportar as compras.

Lígia Korke, gerente de sustentabilidade do grupo, diz que a demanda por caixas de papelão gratuitas pode ser maior que a quantidade de embalagens disponíveis. "Pode faltar caixa e vamos avisar os consumidores."

Fora da capital, a rede também venderá sacolas biodegradáveis, feitas com amido de milho, a R\$ 0,20 a unidade. Mais rígida, a lei paulistana não permite a comercialização de nenhum tipo de sacola plástica.

Experiências. Nove meses após o acordo com os supermercados que previa a extinção das sacolinhas plásticas, Jundiaí comemora a redução do envio para o aterro sanitário de 80 toneladas de plástico por mês, o que representa 720 toneladas no período. Os cálculos são da Associação Paulista de Supermercados. A adesão foi de 99% dos supermercados, que deixaram de distribuir 176 milhões de sacolas.

Agora, a cidade se prepara para estender a restrição à distribuição das sacolas para outros segmentos do comércio. Pesquisas locais apontam que 75% da população aprovou a medida.

No Estado do Rio, a legislação que estimula a redução do uso de sacolas plásticas, fiscalizada desde julho de 2010, não atingiu a eficácia esperada entre os consumidores, de acordo com balanço da Secretaria do Meio Ambiente. Cerca de 70% das lojas de grande porte cumprem a lei, mas a maior parte dos estabelecimentos deixa de oferecer o desconto de R\$ 0,03 a cada cinco itens a quem não utilizar as embalagens.

Mais branda que a lei paulistana, pois apenas estimula a substituição de sacolas comuns por embalagens reutilizáveis, o texto aprovado na Assembleia Legislativa do Rio em 2009 obriga os estabelecimentos a oferecer os descontos, vender embalagens mais resistentes e estabelece a troca de 50 sacolas plásticas por 1 kg de arroz ou feijão.

“Houve redução significativa do número de sacolas plásticas utilizadas, mas esperamos mais. A eficácia da lei poderia ser maior se a população se conscientizasse e exigisse o desconto em vez de utilizar a embalagem comum”, diz José Padrone, da coordenação de combate a crimes ambientais da Secretaria do Ambiente.

---

Colaboraram **Bruno Boghossian e Rose Mary de Souza**, especial para O Estado

---

Crédito: **O Estado de S. Paulo**, A vida sem sacolas plásticas,  
Autora: **Andrea Vialli**, 22/05/2011.

## ATIVIDADE 1D

.....

NOME \_\_\_\_\_ DATA \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

1. Considerando o que foi estudado nas atividades anteriores, complete o quadro a seguir com suas descobertas.

Dê uma olhada no registro de uma regra que você já conhece para redigir a sua nova descoberta.

Na primeira coluna você pode incluir quantos exemplos quiser.

ORTOGRAFIA – QUADRO-SÍNTESE DE REGISTRO DE DESCOBERTAS			
DÚVIDA	ESCRITA CORRETA	EXPLICAÇÃO	COMO SABER?
Campo ou canpo? Tambor ou tanbor? Contente ou comtemte? Antes ou amtes?	CAMPO TAMBOR CONTENTE ANTES	Sempre que a sílaba seguinte começar com P ou com B, usa-se M para nasalizar. Quando começar com qualquer outra consoante – T, por exemplo –, usa-se a letra N.	Consultando a regra.

## ATIVIDADE 1

.....

NOME \_\_\_\_\_ DATA \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

1. A crônica apresentada a seguir foi escrita por Carlos Eduardo Novaes. Você conhece esse autor? E uma crônica, você já leu?
2. O livro de onde foi retirada a crônica que você lerá intitula-se A cadeira do dentista e outras crônicas. Em sua opinião, esse título combina com crônicas? Por quê?
3. Agora, imagine: do que tratará uma crônica chamada "O marreco que pagou o pato"?
4. Converse com seu professor e seus colegas sobre cada uma das questões apresentadas.
5. Agora, leia com o seu colega, a crônica apresentada a seguir.

### O marreco que pagou o pato

*Carlos Eduardo Novaes*

Semana passada, São Paulo, apesar de toda fama de que não pode parar, parou. E não foi num congestionamento. Parou para discutir o caso do marreco Quércia e sua marreca Amélia, presos e engaiolados durante 24 horas sob a acusação de poluírem o meio ambiente. Diante do fato, eu fico aqui pensando que os paulistas já devem ter resolvido todos os seus grandes problemas urbanos. Sim, claro: quando um povo começa a prender marrecos é porque não tem mais nada para fazer.

O marreco Quércia – deixa-me explicar – ganha a vida honestamente como relações-públicas da casa Agro Dora, na Rua da Consolação, 208. Em seu trabalho passa os dias inteiros circulando pela calçada e atraindo fregueses para a loja. Na segunda-feira, o gerente da loja foi surpreendido com a presença de um fiscal, que muito compenetrado perguntou se o marreco era de sua propriedade. Diante da resposta positiva, virou-se para o gerente e pediu: "Seus documentos?". Leu atentamente um por um, devolveu-os e disse: "Agora deixe-me ver os documentos do marreco".

– O marreco não tem documentos – respondeu o gerente.

– Nenhum? Nem título de eleitor? Certificado de Reservista? Nada? Então eu acho que vou ter que prender o seu marreco.

– O senhor não pode fazer uma coisa dessas – ponderou o gerente. – Não há nenhuma lei que obrigue marrecos a ter documento.

– Não há? – desconfiou o fiscal. – Então espere um momentinho.

Foi ao telefone e ligou para o chefe da repartição: “Alô, chefe? Encontrei um marreco passeando pela rua sem documento”.

– Que está esperando? – vociferou o chefe. – Prenda-o por vadiagem.

– Mas, chefe, é um marreco. Precisamos de uma lei para enquadrá-lo. O senhor sabe qual é o número dessa lei?

– Não tenho a menor ideia.

– Então pergunta se alguém aí sabe.

– Alguém aí sabe – perguntou o chefe, voltando-se para os funcionários da repartição – quais são os documentos que um marreco necessita para transitar livremente pelas ruas?

Não. Ninguém sabia. O chefe então sugeriu que o fiscal procurasse outro motivo para prender o marreco. “Mas que motivo?”, perguntou o fiscal, que era meio duro de imaginação.

– O marreco está nu? – indagou o chefe. – Então prenda-o por atentado ao pudor.

O fiscal parou um pouco, pensou e não se lembrou de ter visto jamais um marreco vestido. Não, essa era demais. O chefe, já pensando no almoço de domingo, insistiu: “O marreco está parado em cima da calçada?”.

– Está.

– Então prenda-o por estacionar em local proibido.

“Boa ideia”, pensou o fiscal. Voltou ao gerente, que estava parado na calçada ao lado do marreco, disfarçou, disse que iria perdoar a falta de documentos, “mas infelizmente tenho que levar o seu marreco por estar parado em local não permitido”.

– Está certo – concordou, irritado, o gerente –, mas então chama o guincho.

– Pra que guincho?

– Meu marreco só sai daqui rebocado.

Formou-se a maior confusão em torno do marreco. O fiscal querendo levá-lo de qualquer maneira, e o gerente, apoiado por dezenas de populares, defendendo a inocência do marreco. Nisso, chegou um segundo fiscal pouquinho coisa mais inteligente que o primeiro e decretou: “O marreco não pode ficar solto, é um agente da poluição”.

– Agente de quem? – espantou-se um balconista da loja. – Garanto que não. O Quércia trabalha aqui há mais de dois anos.

– E daí? – interveio um popular que estava do lado do fiscal. – Ele pode ter dois empregos. Vai ver que quando sai daqui faz um bico em alguma agência.

– E você acha que o marreco, com esse bico, ainda precisa fazer outro?

– A acusação é injusta – interrompeu o gerente –, o marreco não pode ser acusado de poluir. Se eu tivesse aqui um elefante soltando fumaça pela tromba está certo, mas o Quércia nem fuma.

– Não interessa – afirmou o segundo fiscal, meio agressivo –, isso o senhor explica lá para o chefe.

O marreco entrou na sede da Administração Regional da Sé cheio de ginga. Imediatamente o chefe destacou um funcionário para qualificá-lo: nome, endereço, estado civil, essas coisas.

De gravata e camisa de manga curta, o burocrata sentou-se à máquina e começou: “Nome?”. O gerente com o marreco no colo respondeu: “Quércia”.

– Quércia de quê?

– De nada.

– Como de nada? Ele não tem família?

– Tem. É da família dos anatídeos.

– Então – prosseguiu o funcionário batendo na máquina –, Quércia Anatídeo. Terminada a ficha o burocrata abriu uma gaveta e, enquanto procurava o material para tirar as impressões digitais, disse ao gerente:

– Me dá aí o polegar do marreco.

– O marreco não tem polegar – desculpou-se o gerente.

– Não? – disse o funcionário já contrariado porque não encontrava as almo-fadas para carimbos. – Então me dá o indicador.

– O marreco também não tem indicador.

– E o anular, tem?

– Também não, senhor.

– Poxa – chateou-se o burocrata –, então me dá aí qualquer dedo que estiver sobrando.

O gerente precisou explicar que marreco não tinha dedo. Tinha pata. Ainda assim o funcionário já meio perturbado entendeu que o gerente se referia à companheira do marreco e perguntou: “Uma pata?”.

– Não. Duas.

– E ele vive bem com as duas?

Custou pouco para desfazer a confusão. Encerrada essa fase, o funcionário encaminhou-se para outra sala, onde o marreco teria que tirar umas fotos três por quatro de identificação.

O fotógrafo, repetindo gestos tão automáticos quanto a máquina, mandou o marreco subir na cadeira, esticar bem o pescoço, olhar para a frente e não se mexer. O marreco, mesmo sem entender nada, seguiu as instruções do fotógrafo. Quando o fotógrafo enfiou a cabeça por debaixo do pano preto – a máquina era daquelas antigas –, observou pelo visor que alguma coisa estava errada. Tornou a levantar a cabeça e indagou do funcionário: “Nós vamos fotografá-lo assim?”.

– Assim como? – indagou o funcionário sem entender.

– Sem gravata?

– Não sei – disse o funcionário meio reticente –, mas eu acho que marreco não precisa botar gravata.

– Acho melhor botar uma gravata nele – retrucou o fotógrafo –, você sabe como é o chefe: já disse que foto só de gravata.

O funcionário tirou sua gravata, pediu um paletó emprestado a um datilógrafo, tiraram as fotos necessárias e depois engaiolaram o marreco. E não é que no dia seguinte a poluição em São Paulo diminuiu sensivelmente...

(Fonte: Novaes, C. E. A cadeira do dentista e outras crônicas.  
São Paulo: Ática, 1996, p. 77-81.)  
©Carlos Eduardo Novaes.



6. Você deve ter conversado com seu professor e colegas que a crônica sempre toma um fato do cotidiano para poder fazer uma crítica – ainda que com muito humor – de algo que atinge todas as pessoas. Pensando nisso, responda:

a. Que aspectos dessa crônica a tornaram engraçada?

---

---

---

---

---

b. Você acha que a última afirmação do autor do texto é verdadeira?

---

---

---

---

---

c. Que aspecto da vida das pessoas o autor critica com essa crônica?

---

---

---

---

---

d. Retome as antecipações realizadas a partir do título e discuta-as.

---

---

---

---

---

## ATIVIDADE 2A

.....

NOME \_\_\_\_\_ DATA \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

1. Releia o trecho apresentado a seguir.

Leu atentamente um por um, devolveu-os e disse: "Agora, deixe-me ver os documentos do marreco".

- O marreco não tem documentos – respondeu o gerente.
- Nenhum? Nem título de eleitor? Certificado de Reservista? Nada? Então eu acho que vou ter que prender o seu marreco.
- O senhor não pode fazer uma coisa dessas – ponderou o gerente. – Não há nenhuma lei que obrigue marrecos a ter documento.
- Não há? – desconfiou o fiscal. – Então espere um momentinho.

Foi ao telefone e ligou para o chefe da repartição: "Alô, chefe? Encontrei um marreco passeando pela rua sem documento".

2. Compare com o trecho abaixo e responda: o que há de diferente nesse segundo trecho?

Leu atentamente um por um, devolveu-os e pediu ao gerente para ver os documentos do marreco.

O gerente avisou que o marreco não tinha documentos. O fiscal ficou surpreso e disse que, então, teria de prender o marreco.

O dono do marreco ponderou que o animal não poderia ser preso, pois não havia nenhuma lei que o obrigasse a ter documentos.

Diante disso, o fiscal ligou para a repartição e explicou o caso ao seu chefe.

3. Qual das maneiras de escrever você acha que dá a impressão de retratar com mais fidelidade as reações do falante diante da situação? Qual maneira de contar a história deixa o leitor mais distante das reações da personagem? Explique.

---

---

---

---

---

4. Se você tivesse que relacionar cada um dos trechos a uma das denominações apresentadas a seguir, que ligações estabeleceria? Explique.

- ( 1 ) Trecho 1      ( ) Discurso indireto  
( 2 ) Trecho 2      ( ) Discurso direto

Registre a sua explicação, conforme modelo a seguir:

O primeiro trecho seria denominado de discurso \_\_\_\_\_ porque

---

---

---

---

---

O segundo trecho seria denominado de discurso \_\_\_\_\_ porque

---

---

---

---

---

5. Apresente a reflexão da dupla aos demais colegas e professores, discutindo-a e revendo suas anotações, se for necessário.

## ATIVIDADE 3C

---

NOME \_\_\_\_\_ DATA \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

### 1. Vamos ler o conto: "Se eu fosse Sherlock Holmes".

#### Se eu fosse Sherlock Holmes

Os romances de Conan Doyle me deram o desejo de empreender alguma façanha no gênero das de Sherlock Holmes. Pareceu-me que deles se concluiu que tudo estava em prestar atenção aos atos mínimos. Destes, por uma série de raciocínios lógicos, era sempre possível subir até o autor do crime.

Quando acabara a leitura do último dos livros de Conan Doyle, meu amigo Alves Calado teve a oportuna nomeação de delegado auxiliar. Íntimos, como éramos, vivendo juntos, como vivíamos na mesma pensão, tendo até escritório comum de advocacia, eu lhe tinha várias vezes exposto minhas ideias de "detetive". Assim, no próprio dia de sua nomeação ele me disse:

– Eras tu que devias ser nomeado!

Mas acrescentou, desdenhoso das minhas habilidades:

– Não apanhavas nem o ladrão que roubasse o obelisco da avenida!

Fi-lo, porém, prometer que, quando houvesse algum crime, eu o acompanharia a todas as diligências. Por outro lado, levei-o a chamar a atenção do seu pessoal para que, tendo notícia de qualquer roubo ou assassinato, não invadisse nem deixasse ninguém invadir o lugar do crime.

– Alta polícia científica – disse ele, gracejando.

Passei dias esperando por algum acontecimento trágico, em que pudesse revelar minha sagacidade. Creio que fiz mais do que esperar cheguei a desejar.

Uma noite, fui convidado por Madame Guimarães para uma pequena reunião familiar. Em geral, o que ela chamava "pequenas reuniões" eram reuniões de vinte a trinta pessoas, da melhor sociedade. Dançava-se, ouvia-se boa música e quase sempre ela exibia algum "número" curioso: artistas de teatro, de \*music-hall\* ou de circo, que contratava para esse fim. O melhor, porém, era talvez a palestra que então se fazia, porque era mulher muito inteligente e só convidava gente de espírito. Fazia disso questão.

A noite em que eu lá estive entrou bem nessa regra.

Em certo momento, quando ela estava cercada por uma boa roda, apareceu Sinhazinha Ramos. Sinhazinha era sobrinha de Madame Guimarães; casara-se pouco antes com um médico de grande clínica. Vindo só, todos lhe perguntaram:

- Como vai seu marido?
- Tem trabalhado toda a noite, com uma cliente.
- É admirável como os médicos casados têm sempre clientes noturnas...
- Má língua! – replicou ela. Ele sempre os teve.

Outra senhora, Madame Caldas, acudiu:

- Os maridos, quando querem passar a noite fora de casa, acham sempre pretextos.

Voltei-me para o Dr. Caldas, que era advogado, e interpelei-o:

- Tem a palavra o acusado!

O Dr. Caldas não gostou da afirmação da mulher. Resmungou apenas:

- Tolices de Adélia...

O embaraço dele se dissipou, porque Madame Guimarães perguntou à sobrinha:

- Onde deixaste tua capa?
- No meu automóvel. Não quis ter a maçada de subir.

A casa era de dois andares e Madame Guimarães, nos dias de festas, tomava a si arrumar capas e chapéus femininos no seu quarto:

- Serviço de vestiário é exclusivamente comigo. Não quero confusões.

Nisto, uma das senhoras presentes veio despedir-se de Madame Guimarães. Precisava de seu chapéu. A dona da casa, que, para evitar trocas e desarrumações, era a única a penetrar no quarto que transformara em vestiário, levantou-se e subiu para ir buscar o chapéu da visita, que desejava partir.

Não demorou muito tempo. Voltou com a fisionomia transtornada:

- Roubaram-me. Roubaram o meu anel de brilhantes...

Todos se reuniram em torno dela. Como era? Como não era? Não havia, aliás, nenhuma senhora que não o conhecesse: um anel com três grandes brilhantes de um certo mau gosto espetaculoso, mas que valia de sessenta a oitenta contos.

Sherlock Holmes gritou dentro de mim: "Mostra o teu talento, rapaz!"

Sugeri logo que ninguém entrasse no quarto. Ninguém! Era preciso que a polícia pudesse tomar as marcas digitais que por acaso houvesse na mesa de cabeceira de Madame Guimarães. Porque era lá que tinha estado a joia.

Saltei ao telefone, toquei para o Alves Calado, que se achava de serviço nessa noite, e preveni-o do que havia, recomendando-lhe que trouxesse alguém, perito em datiloscopia.

Ele respondeu de lá com a sua troça habitual:

– Vais afinal entrar em cena com a tua alta polícia científica?

Objetou-me, porém, que a essa hora não podia achar nenhum perito. Aprovou, entretanto, que eu não consentisse ninguém entrar no quarto. Subi então com todo o grupo para fecharmos a porta à chave. Antes de se fechar, era, porém, necessário que Madame Guimarães tirasse as capas que estavam no seu leito. Todos ficaram no corredor, mirando, comentando. Eu fui o único que entrei, mas com um cuidado extremo, um cuidado um tanto cômico de não tocar em coisa alguma. Como olhasse para o teto e para o assoalho, uma das senhoras me perguntou se estava jogando "o carneirinho-carneirão, olhai para o céu, olhai para o chão".

Retiradas as capas, o zum-zum das conversas continuava. Ninguém tinha entrado no quarto fatídico. Todos o diziam e repetiam.

Foi no meio dessas conversas que Sherlock Holmes cresceu dentro de mim. Anunciei:

– Já sei quem furtou o anel.

De todos os lados surgiam exclamações. Algumas pessoas se limitavam a interjeições: "Ah!", "Oh!". Outras perguntavam quem tinha sido.

Sherlock Holmes disse o que ia fazer, indicando um gabinete próximo:

– Eu vou para aquele gabinete. Cada uma das senhoras aqui presentes fecha-se ali em minha companhia por cinco minutos.

– Por cinco minutos? – indagou o Dr. Caldas.

– Porque eu quero estar ao mesmo tempo com cada uma, para não se poder concluir da maior demora com qualquer delas que essa foi a culpada. Serão para cada uma cinco minutos cronométricos.

O Dr. Caldas voltou, gracejando:

– Mas V. veja o que faz. Não procure namorar minha mulher, senão eu lhe dou um tiro.

Houve uma hesitação. Algumas diziam estar acima de qualquer suspeita, outras que não se submetiam a nenhum inquérito policial. Venceu, porém, o partido das que diziam “quem não deve não teme”. Eu esperava, paciente. Por fim, quando vi que todas estavam resolvidas, lembrei que seria melhor quem fosse saindo, despedir-se e partir.

E a cerimônia começou. Cada uma das senhoras esteve trancada comigo justamente os cinco minutos que eu marcara.

Quando a última partiu, saiu do gabinete, achei à porta, ansiosa, Madame Guimarães:

– Venha comigo – disse-lhe eu.

Aproximei-me do telefone, chamei o Alves Calado e disse-lhe que não precisava mais tomar providência alguma, porque o anel fora achado.

Voltando-me para Madame Guimarães entreguei-o então. Ela estava tão nervosa que me abraçou e até beijou freneticamente. Quando, porém, quis saber quem fora a ladra, não me arrancou nem uma palavra.

No quarto, ao ver Sinhazinha Ramos entrar, tínhamos tido, mais ou menos, a seguinte conversa:

– Eu não vou deitar verdes para colher maduros, não vou armar cilada alguma. Sei que foi a senhora que tirou a joia de sua tia.

Ela ficou lívida. Podia ser medo. Podia ser cólera. Mas respondeu firmemente:

– Insolente! É assim que o senhor está fazendo com todas, para descobrir a culpada?

– Está enganada. Com as outras converso apenas, conto-lhes anedotas. Com a senhora, não; exijo que me entregue o anel.

Mostrei-lhe o relógio para que visse que o tempo estava passando.

– Note – disse eu – que tenho uma prova, posso fazer ver a todos.

Ela se traiu, pedindo:

– Dê a sua palavra de honra que tem essa prova!

Dei. Mas o meu sorriso lhe mostrou que ela, sem dar por isso, confessara indiretamente o fato.

E já agora – acrescentei – dou-lhe também a minha palavra de honra que nunca ninguém saberá por mim o que fez.

Ela tremia toda.

– Veja que falta um minuto. Não chore. Lembre-se de que precisa sair daqui com uma fisionomia jovial. Diga que estivemos falando de modas.

Ela tirou a joia do seio, deu-a e perguntou:

– Qual é a prova?

– Esta – disse-lhe eu apontando para uma esplêndida rosa-chá que ela trazia. – É a única pessoa, esta noite, que tem aqui uma rosa amarela. Quando foi ao quarto de sua tia, teve a infelicidade de deixar cair duas pétalas dela. Estão junto da mesa-de-cabeceira.

Abri a porta. Sinhazinha compôs magicamente, imediatamente, o mais encantador, o mais natural dos sorrisos e saiu dizendo:

– Se este Sherlock fez com todas o mesmo que comigo, vai ser um fiasco absoluto.

Não foi fiasco, mas foi pior.

Quando Sinhazinha chegara, subira logo. Graças à intimidade que tinha na casa, onde vivera até a data do casamento, podia fazer isso naturalmente. Ia só para deixar a sua capa dentro de um armário. Mas, à procura de um alfinete, abriu a mesinha de cabeceira, viu o anel, sentiu a tentação de roubá-lo e assim o fez. Lembrou-se de que tinha de ir para a Europa daí a um mês. Lá venderia a joia. Desceu então novamente com a capa e mandou pô-la no automóvel. E como ninguém a tinha visto subir, pôde afirmar que não fora ao andar superior.

Eu estraguei tudo.

Mas a mulherzinha se vingou: a todos insinuou que provavelmente o ladrão tinha sido eu mesmo, e, vendo o caso descoberto antes da minha retirada, armara aquela encenação para atribuir a outrem o meu crime.

O que sei é que Madame Guimarães, que sempre me convidava para as suas recepções, não me convidou para a de ontem... Terá talvez sido a primeira a acreditar na sobrinha.

Fonte: Medeiros e Albuquerque. *Se eu fosse Sherlock Holmes*.  
In *Para gostar de ler*, vol. 12, São Paulo, Ática, 1993.  
©autor em Domínio Público.



2. Retomando o quadro com as características dos contos analisados na atividade 3B, comente com seu professor e colegas se esse conto contém as características comuns aos demais contos até o momento. Para explicar, procure responder às seguintes questões:

ANALISANDO O CONTO "Se eu fosse Sherlock Holmes"	
ASPECTOS	INFORMAÇÕES OBSERVADAS
O que aconteceu no conto e por quê?	
Onde aconteceu?	
Quando aconteceu?	
A qual enigma se refere?	
Quem são os protagonistas, as personagens e suas características?	
Quem narra os fatos?	

3. Com seus colegas e com a ajuda de seu professor, releia o conto "Se eu fosse Sherlock Holmes", observando aspectos referentes ao texto escrito. Anote-os em seu caderno.

Agora, sente-se com sua dupla de trabalho e procure, em seu livro, o conto que foi lido. Faça a mesma análise, anotando as expressões características do conto de mistério. Depois, compartilhe o trabalho com os demais colegas da turma.

---



---



---



---



---



---



---



---